

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES
GRADUAÇÃO EM LETRAS: LÍNGUA INGLESA – TRADUÇÃO
INGLÊS/PORTUGUÊSA

Guilherme Marques Stanzione

AUGUSTO MATRAGA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO SERTÃO
Uma Análise Bibliográfica

São Paulo

2024

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Guilherme Marques Stanzione

**AUGUSTO MATRAGA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO SERTÃO
UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Letras: Língua Inglesa — Tradução Inglês/Português, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira.

São Paulo

2024

Agradecimentos

À minha orientadora, a professora doutora Maria Aparecida Junqueira , que demonstrou extrema paciência e excepcional comunicação ao me orientar no processo de estudo, análise e escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus avós, Maria Augusta Marques e Jazon Santana Marques, por me influenciarem com histórias de suas vidas no sertão baiano que carregarei comigo pelo resto de minha vida.

À minha mãe, Ana Farias Marques, que sempre trabalhou muito para que eu pudesse ter acesso ao melhor ensino disponível, e que também me motivou a concluir este trabalho.

Aos meus amigos, Peterson da Silva Nascimento, Diego Cardim Reis, Victor Serra Andrade, Yuri Rocha Cunha e José Henrique Gonçalves Batista, pelo apoio, honestidade e motivação que me deram durante o processo de escrita do trabalho e na minha vida como um todo.

Resumo

Na literatura, a obra de um escritor reflete não só suas experiências e perspectivas pessoais, mas também a cultura da qual ele faz parte. Esta análise bibliográfica tem como objetivo principal estudar o retrato do sertão mineiro de “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, o último conto do livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Na revisão, serão detalhados os fatores históricos que contribuem e informam a narrativa, em específico, será discutida como a queda de sistemas regentes no Brasil durante a década de vinte e a mudança que acontece na década de trinta no cenário literário, social e cultural do país afetam a produção do conto e a estória contada por ele. Também será analisada a forma como a religiosidade representada na personagem de Matraga reflete o sincretismo religioso brasileiro e o transforma em um ícone cultural atemporal. Em suas conclusões, o estudo reconhece a forma como Rosa criou uma personagem intrinsecamente brasileira, que é eternizada tanto pela estória que ela conta, como pelo que ela representa para a literatura do país por meio do espelho cultural.

Palavras-chave: A Hora e Vez de Augusto Matraga; Guimarães Rosa; Sertão; Fatores históricos; Sincretismo religioso brasileiro.

Abstract

In literature, a writer's work reflects not only his personal experiences and perspectives, but also the culture of which he was a part of. This literary analysis aims to study the portrait of the countryside of Minas Gerais, as it is shown in "The Hour and the Turn of Augusto Matraga", the last story of Guimarães Rosa's *Sagarana*. The review will detail the historical factors that both contribute to and inform the narrative, specifically discussing how the fall of the ruling systems in Brazil during the 1920s and the changes that took place in the 1930s in the country's literary, social and cultural spheres affected the production of the tale and the story it tells. This study will also analyze how religion, as presented in Matraga's character reflects the religious syncretism of Brazil and transforms him into a timeless cultural icon. In its conclusions, the study recognizes the way in which Rosa created an intrinsically Brazilian character, who is eternalized both for the story told and for what he represents, as well as for the country's literature through the cultural mirror that is created.

Key-words: The Hour and the Turn of Augusto Matraga; Guimarães Rosa; Countryside; Historical factors; Brazilian religious syncretism.

Sumário

1. Introdução.....	7
2. Capítulo 1: O Brasil de Rosa e o Brasil de Matraga.....	9
1.1 Um Brasil em Constante Mudança.....	9
1.2 Um Brasil Parado no Tempo.....	12
3. Capítulo 2: Redenção Sertaneja.....	17
4. Considerações Finais.....	26
5. Referências.....	28

Introdução

Guimarães Rosa, poeta, diplomata e romancista, é um dos mais importantes escritores da literatura brasileira, cuja obra trata de questões culturais brasileiras, do sertão brasileiro, em especial. Descreve a comunidade sertaneja cheia de excentricidades ao longo de suas páginas que talvez apenas os sertanejos da região e daquela época poderiam compreender por completo o que narrava. É graças à tremenda habilidade do escritor, que se tem o retrato vivo desse povo e o estilo de vida que eles traziam consigo.

Em um de seus mais prestigiados trabalhos, *Sagarana*, Rosa demonstra essa diversificada vivência do sertão mineiro de seu tempo. O último conto do livro, intitulado “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, narra a vida de um filho de Coronel da época de 1930. A perda de toda posse e relacionamento em sua vida e seu embate contra um grupo de bandidos liderado por Joãozinho Bem-Bem resultam em sua morte. Em sua jornada, uma forte imagem da comunidade sertaneja, seja como membro de sua elite, seja como um dos outros membros da classe operária, é criada. Revela ainda uma forte crença no sagrado e místico, e também reforça a ideia de que a única ferramenta que pode ser utilizada pelo proletariado para proteger outros indivíduos da classe trabalhadora é a violência.

Tendo escolhido esse conto para estudo, este trabalho propõe uma análise da trama, a partir das inclinações religiosas tão presentes no imaginário coletivo do povo daquele tempo. Neste sentido é que se pergunta como essas inclinações religiosas dominam e definem a trajetória da narrativa e da vida das personagens e, em especial, a de seu protagonista, Augusto Matraga. Ademais, há também os mitos de outras culturas e religiões que são constantemente retratados e referenciados na trama, seja nas cantigas utilizadas no decorrer da estória, no diálogo, na nomenclatura dos personagens, como também na própria etimologia das palavras utilizadas em momentos-chave.

Este trabalho também busca refletir acerca dos acontecimentos históricos que moldaram a sociedade e que implicaram alguns aspectos da vida sertaneja da primeira metade do Século XX, e claramente afetaram o desenvolvimento da trama e as

motivações das personagens do conto. Um destes acontecimentos, e talvez o mais importante, é a Revolução de 30, cuja mudança de modelo no governo do Estado brasileiro movimentou e transformou o sertão mineiro de seu tempo, o que pode ser visto na queda da família de Augusto, que decerto se beneficiava do sistema do Coronelismo, visto que antes ela era capitaneada por um coronel da região, o Coronel Afonso, e outro acontecimento importante é o fato do grupo de Joãozinho Bem-Bem se dirigir à Bahia para auxiliar as forças armadas que estavam em embate no estado nordestino.

O presente trabalho fundamenta-se no estudo de Benedetti (2008), que se trata da representação do Brasil do início do século XX a partir de *Sagarana*, aprofundando a questão histórica e os vários elementos religiosos, tanto cristãos, como pagãos, na narrativa de “A Hora e Vez de Augusto Matraga”. Outra pesquisa, a de Costa (2006), atenta-se não só à presença de práticas religiosas, baseadas em mitos culturais, mas também à análise histórico-cultural do conto. Outro texto a ser considerado é a leitura de Guimarães (2014), que traz atenção para o regionalismo inerente à obra de Rosa, e nas manifestações de tal regionalismo “autêntico e duradouro” (GUIMARÃES, 2014, p. 8) na prosa do livro, comparando-o com outras produções do movimento literário de sua época — o modernismo. Em seu estudo, ela também analisa aspectos presentes na estruturação da sociedade brasileira desde o começo do século XX que acabam por afetar o Brasil vivido por Rosa no tempo da publicação de sua obra.

O trabalho é composto por dois capítulos. O primeiro, intitulado “O Brasil de Rosa e o Brasil de Matraga”, visa a apreender o momento que o Brasil passava cultural e socialmente. Relaciona as diferenças no Brasil narrado e detalhado no conto, e o Brasil em que Rosa vivia. Discute também a transição do poder das elites da Primeira República e a queda do sistema coronelista para a fortificação das forças armadas e simpatizantes de Getúlio Varga.

O segundo capítulo, cujo título é “Redenção Sertaneja”, reflete sobre os diversos elementos religiosos empregados na narrativa, ao analisar as ligações da trajetória de Matraga com o texto bíblico. Estuda-se também a simbologia e imagética do texto para que seja demonstrada a ligação com o sagrado e a sua função no enredo da obra. Além de apreender o papel de figuras, mitos e costumes exotéricos e pagãos na trama.

1. Capítulo 1: O Brasil de Rosa e o Brasil de Matraga

Este capítulo aborda a maneira que o Brasil é retratado no conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” e o Brasil vivido por Rosa. Ambos destoam não só historicamente, mas também no momento vivido pela literatura nacional — que mudou intensamente graças ao fim do sistema oligárquico que dominava o Brasil e também graças à ascensão do autoritarismo no país — assim como pelos sistemas que regiam a vida dos cidadãos brasileiros, tanto no sertão, quanto nos centros culturais. Apresentar essas diferenças ajuda a revelar o mundo sertanejo criado por Rosa nessa estória.

1.1. Um Brasil em Constante Mudança

O uso de espaços e regiões familiares ao autor para a construção de uma localização geográfica em que uma narrativa desenvolver-se-á não é nada novo na literatura brasileira, e Rosa decerto não foi o primeiro, nem será o último, a utilizar de tal artifício em sua escrita. A questão do tempo, por sua vez, em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, mostra diferença entre o tempo narrado e o tempo de sua produção e eventual publicação.

Não é surpresa dizer que o Brasil mudou em inúmeros aspectos nesses dezesseis anos desde a Revolução de 30, que resultou na ditadura de Getúlio Vargas e na deposição da antiga elite oligárquica coronelista. Há tempo que a dependência do café nas relações comerciais mundiais e a industrialização emergente no país traziam mil promessas de avanço econômico e prosperidade a uma classe trabalhadora que lutava cada vez mais pela sindicalização e direitos anteriormente guardados apenas aos setores mais elevados da sociedade. Em seu lugar, durante a década de trinta, um pessimismo generalizado surgiu na sociedade, causado pela quase imediata mudança no *status-quo* que gerou a chamada “Grande Depressão”.

Carolina Serra Azul Guimarães (2014), entretanto, foca sua análise nos quesitos estéticos presentes na literatura das décadas anteriores à *Sagarana*, utiliza-se da

conferência de 1942, intitulada “Movimento Modernista”, proferida por Mario de Andrade, para ilustrar e basear seus pontos de vista e análise. Onde a prosa literária da década de vinte teria utilizado de experimentação e novas formas de estilização em seu texto, com o intuito de criar uma identidade na literatura nacional da época, e, conseqüentemente, separar a literatura brasileira de suas contemporâneas internacionais, as décadas de trinta e quarenta deixam isto de lado, procurando incorporar a objetividade à prosa, aproximando-a à naturalidade da fala, pois agora o foco não era criar uma nova forma estritamente brasileira de se produzir a arte, mas sim enfatizar a denúncia social em suas produções, focando no “projeto ideológico”, e deixando de lado o “projeto estético”.

Essa mudança, foi gerada por uma alteração de perspectiva na população da época, pois,

Se na década de vinte artistas e intelectuais podiam apostar no ‘futuro que o café pensava ter pela frente, fazendo com que o universo de relações quase coloniais que ele reproduzia lhe parecesse não como obstáculo, mas como elemento de vida e progresso’, o processo histórico não permite que um intelectual lúcido com e com intenções progressistas não mantenha a mesma postura eufórica após 1930 (...) (GUIMARÃES, 2014, p.12)

A queda do café também não pode ser deixada de lado quando se discute e analisa as relações sociais e cultura presentes no Brasil na década de trinta adiante. Anteriormente, o café não só representava um “futuro brilhante”, como a pensadora destaca, mas também um estilo de vida, de suma importância tanto para o brasileiro, quanto para o Brasil como nação no sistema capitalista. Seu *status* como principal renda de capital, fundação das elites oligárquicas que regiam o país e base para o avanço da infraestrutura durante sua Primeira República definia a relação dos centros urbanos, e, por consequência, das regiões rurais do país, dentre elas, o chamado sertão.

Ademais, a respeito das “relações quase coloniais” mencionadas por Guimarães (2014), nota-se que a referida relação dos centros urbanos com os pontos rurais do solo brasileiro resulta na emulação de sistemas passados, uma vez que, no contexto da década de trinta, para que o processo de acumulação “moderno” fosse mantido com sua total “eficácia”, tornava necessária a criação de vastas periferias, tanto dentro, quanto fora, das cidades e metrópoles. Periferias essas, que eram capazes de comportar o sistema mandonista, que eram capazes de oferecer vastas porções de terra para a

produção irrefreada do café e que também eram capazes de oferecer mão de obra barata e oprimida suficiente para continuar a produção do café. Todavia, mesmo com a mudança de regimes no Estado brasileiro, e o desmonte formalizado do coronelismo, não houve mudança após a Revolução de 30, já que agora o sistema populista poderia agir como intermediário entre o Estado e o povo, que neste caso é, em sua maioria, o marginalizado e propositalmente desinformado, criando assim pactos entre a classe burguesa industrial e a classe operária, captando trabalhadores de baixo custo que foram domesticados pela estrutura sindical governista.

Tal era a visão do Brasil até o fim da década de vinte, mas como mencionado anteriormente, as décadas de trinta e quarenta seriam marcadas pela brusca mudança no país, o que resultaria em pessimismo “esquerdizante”, como observa Guimarães (2014). Em 1946, porém, *Sagarana* é lançado, resultando na imediata repercussão no espectro acadêmico e criativo da literatura nacional. A autora do estudo, por meio de críticos literários e escritores da época, demonstra como o regionalismo tão presente na obra define a sua estética em sua totalidade. A oralidade das personagens de cada um dos contos carrega-as de características e imediatamente ajuda o leitor a entender as suas personalidades e peculiaridades, as crenças culturais e religiosas que transbordam de cada palavra no texto e criam uma comunidade periférica única. Mais importante ainda é a transformação do sertão, de região física em personagem própria, que atua em cada conto, demonstrando os perigos e males que aguardam os protagonistas em cada uma das histórias.

De certa forma, é possível considerar a retomada da experimentação e mudança de foco na escrita de Rosa como uma certa regressão do que se via na literatura nacional da época. A experimentação na prosa com o intuito de criar e dar ao texto uma identidade própria, antes tão visível no primeiro quinto do século XX volta, e desta vez com uma clara personalidade e pessoalidade para com seu autor. Dentre os neologismos e expressões idiomáticas, e até gírias, do sertão mineiro que foram empregadas por Rosa, torna-se clara a intenção de criar algo novo, algo com identidade própria que poderia servir como base para algo novo no futuro, ou simplesmente como uma obra de arte cujo intuito era explorar mais do que seu veículo, aquilo que a escrita, poderia oferecer.

Nildo Maximo Benedetti (2008), em sua leitura de *Sagarana*, chega à conclusão de que a prosa de Rosa se expressa fortemente a partir de jogos de palavras, sonoridade,

ritmo e forte cunho poético. Ele também ressalta, em sua leitura, a presença de contradições, que formam uma espécie de jogo, uma brincadeira, que gera, com o leitor atento, uma discussão do que pode ser considerado “verdade” ou “mentira”. Reafirma o uso de artifícios para nortear e desnortear o leitor, experimentando com ele para criar uma experiência única de diálogo que com grande atenção ao detalhe e intenção, assemelha-se, como dito anteriormente, à prática oral, a uma estória contada por alguma outra pessoa — quase como se tentasse simular, por meio de suas estratégias literárias, uma parábola.

1.2. Um Brasil Parado no Tempo

Os elementos previamente mencionados também têm de se comunicar com outro elemento significativo na obra — a aproximação da intensa mudança social que aconteceria no Brasil durante a década de trinta. E que, mesmo com todos os ocorridos na estória, nunca realmente chegam a ser mencionados por completo por nenhuma de suas personagens — ou sequer ser referenciado. Com as afirmações feitas por Guimarães (2014), pode-se concluir que talvez esse seja o intuito, que talvez a afirmação das bases das relações “quase coloniais” e a eventual criação de periferias que consigam suplementar o Estado que as criou com mão de obra barata e de fácil exploração, geradas pela extrema isolamento e desinformação perante o que ocorre nos centros urbanos e nas camadas habitadas pela elite da época, seja completamente proposital e feita com profundo intenção.

Entretanto, nenhum dos contos explora a aproximação da mudança no Brasil e o quão está a população à mercê de poderes constituintes quanto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”. Nesta trama, acompanhamos a vida de Augusto Estevês, filho de um coronel da região onde morava, no sertão mineiro, e a sua eventual “queda”, que inclui a perda de sua esposa e filha, de todo bem material que possui e até mesmo a perda de sua saúde física, resultado de um ato de extrema violência realizado pelos capangas de Major Consilva, que acaba se tornando a nova representação da elite e poder na comunidade natal de Nhô Augusto. Esta é, entretanto, apenas a primeira metade da estória, que acaba por trilhar uma rota de redenção e renascimento espiritual, que serão discutidos mais afundo no próximo capítulo deste trabalho. Nesta

segunda metade, porém, vemos o grupo de Joãozinho Bem-Bem, uma figura um tanto ambígua no que concerne à sua ocupação, sendo talvez mercenário, bandido, ou apoiador da Revolução de 30, ou talvez até mesmo todos, dependendo do momento da estória.

Na primeira metade da estória percebe-se que, por meio da construção da personagem Augusto, a antiga elite oligárquica do país já se encontra em estado de declínio. Filho de Coronel Afonso, e possivelmente uma pessoa que se beneficiou diretamente do sistema coronelista que dominava à época da Primeira República, Augusto representa uma espécie de elite local, uma elite que claramente estava se tornando cada vez mais e mais uma figura decadente, corrompida pelos anos de abuso de poder contra a comunidade em que ela vive, e empobrecida pela proposital marginalização das comunidades rurais do país e da criação do sistema quase colonial, que beneficia quase exclusivamente a elite burguesa dos centros urbanos.

A decadência referida na construção da personagem é clara: Augusto é um homem que anda guardado por quatro capangas, constantemente abusa de sua estatura social para atuar como bem entende, resultando em desordem no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici, sua comunidade natal. Ainda se utiliza de extrema violência quando alguém contesta suas atitudes, a tal ponto de aterrorizar sua esposa, Dionóra.

Acerca da violência, vale notar que ela é um dos temas mais importantes da estória, e que quase sempre é empunhada por aqueles que possuem um poder, seja econômico, como no caso de Augusto Matraga, então chamado de Augusto Estevês, quando ele ainda fazia parte da elite local, seja político, como Major Consilva, quando este ascende na escada social e se torna o novo poder constituinte do arraial de Murici, e então expulsa Augusto de sua comunidade e toma o poder para si. Ou até mesmo, poder bélico, como é o caso de Joãozinho Bem-Bem, um bandido que ronda entre a região do sertão mineiro e do baiano, causando desordem com seus homens, matando e tomando posses e bens materiais de outros enquanto os ameaça, antes de partir para participar de um conflito na Bahía que parece ter fortes laços com a Revolução de 30.

Tal violência é um dos pontos focais de Benedetti (2008). Em sua leitura, que visa a entender como *Sagarana* atua como uma representação do Brasil — não só na época em que as estórias se passam, mas também no Brasil *atemporal* —, ele analisa “A Hora

e a *Veza de Augusto Matraga*” como a síntese inteira da obra. Este último conto captura a essência do livro inteiro e a condensa, de modo que toda ideia temática retratada e desenvolvida seja propriamente discutida e atinja uma resolução satisfatória no último conto. Para Benedetti, a alegoria da violência está em seu estado mais puro na narrativa de Augusto.

Benedetti começa sua análise refletindo acerca da baixa coesão social, ausência de instituições e infraestrutura, e das diversas manifestações de violência na obra — e, conseqüentemente, no Brasil retratado — como uma “reprodução perversa do ‘progresso’ dos países centrais” (BENEDETTI, 2008, p.7), resultante de uma transplantação do sistema capitalista, oriundo de ideais dos liberalismos inglês, francês e norte-americano. Tal implementação de um sistema produtivo, segundo a visão desse estudo, resultou no avanço não-linear e, de certa forma, descontrolado, que pode ser visto como “atraso”, por marxistas “uspianos”, e que é constantemente refletido na obra, nas condições de vida que minorias, como mãe Quitéria e pai Serapião, tem de arcar com, ou, como referenciado anteriormente, a violência como forma de expressão, opressão ou ferramenta para a mudança social, como visto no fim da obra, durante a morte de Matraga e de Bem-Bem, que, supostamente, traz a paz para o arraial de Rala-Coco.

Ademais, é possível fazer uma conexão e junção das ideias apresentadas por Benedetti e Guimarães em suas respectivas leituras e análises críticas da narrativa de Augusto Matraga, uma vez que diversas personagens da estória ficam vulneráveis ao abuso e agressão. Isso ocorre graças aos sistemas regentes que geraram a emulação quase colonial entre os centros urbanos e a periferia, neste caso o sertão, e à marginalização deliberada de tais comunidades periféricas, assim como à violência e ao enfraquecimento, senão apagamento, de infraestrutura e instituições que pudessem prevenir e remediar o abuso de agressões pelas elites locais. Tal exposição dos personagens na estória pode ser vista bem cedo na trama, quando, durante o leilão atrás da Igreja, o próprio Augusto força a separação entre um capiau e Sariema, uma prostituta, mandando que seus seguranças agridam o capiau, antes de tomar a mulher para si próprio.

Benedetti (2008, p.45), ao observar a cena mencionada anteriormente, argumenta:

Parece-nos acertado afirmar que em *Sagarana* o fator propiciador imediato da violência é a fraqueza do Estado de direito; sua ausência funcionaria então como catalisador para a manifestação de um instinto agressivo que, na fragilidade do contrato social, tenderia a provocar a instintiva ‘guerra de todos contra todos’.

No que se refere à “guerra de todos contra todos”, a narrativa do conto parece demonstrar como essa fraqueza e fragilização do Estado brasileiro constantemente faz com que esse conflito ocorra de novo e de novo. Primeiro, com a deposição de Augusto e sua perda de posição de poder econômico e social assumida por Major Consilva, conflito que acaba resultando no aparente fim de sua vida e uma nova regência de Murici, local que não parece receber nenhum tipo de fortalecimento, pois, após a “morte” de Matraga, a única notícia que a audiência recebe é a de que o Major continua “mandando” no local, pegando as antigas propriedades da família de Augusto e matando um dos antigos companheiros do protagonista, demonstrando que mesmo com a mudança de sistemas e poderes, as antigas fundamentações da periferia sertaneja continuam iguais. E segundo, quando a trupe de Bem-Bem reaparece para um confronto final, no Arraial de Rala-Coco, demonstrando que o poder que eles exercem continuam firmemente acima de quaisquer instituições presentes em outros lugares mais “desenvolvidos”.

Por fim, vale mencionar o último antagonista da narrativa — Joãozinho Bem-Bem —, que parece demonstrar uma forma de banditismo social na estória, mas que continua ambígua o suficiente para que o leitor continue se questionando qual é a função dele no sertão, na sociedade em que ele existe, demonstrando ser uma figura reconhecida. Benedetti afirma que sua presença, talvez, seja mais simbólica do que um mero cangaceiro ou mercenário em busca de alguma satisfação para seu aparente hedonismo, alegando que talvez seu papel na narrativa seja o de representar a mudança iminente que o país passará. Nas palavras de Benedetti (2008, p. 237):

A luta final entre Matraga e Joãozinho Bem-Bem é a alegoria do encerramento de um período histórico que principiou com a Proclamação da República e terminou com o movimento que representou a tentativa de desalojamento das oligarquias que dominavam a República Velha e a sua substituição por um forte poder centralizado e autoritário.

O tal embate e o questionamento, se sequer afetaram a região onde moravam as personagens do conto, quando estudados sob este ponto de vista, podem ser emblemáticos da incapacidade de tais grandes eventos mudarem o sistema local do

sertão retratado no conto e na totalidade da obra de Rosa. Independentemente de quem vencesse, Major Consilva e outros inúmeros “líderes” locais, e as elites que os cercavam, continuariam perpetuando o capitalismo quase colonial que existe há tanto tempo nas zonas rurais do Brasil e, mesmo com a esperança recebida pela defesa de Rala-Coco por Matraga, não se tem a certeza de que outros malfeitores como Bem-Bem não aparecerão novamente no arraial.

2. Redenção Sertaneja

O objetivo deste capítulo é analisar a questão da religiosidade que permeia a narrativa de “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, busca apreender a presença dos costumes, símbolos, e até mesmo como a religião apresentada no conto antecipa futuros ocorridos que afetam a progressão da trama e, acima de tudo, a trajetória de seu protagonista, Augusto Matraga. Como protagonista do conto, Matraga acaba por ser o principal ponto de acesso ao sertão, marcando com sua perspectiva única a maioria dos acontecimentos retratados. O ponto de vista de Matraga, todavia, não é a única função literária que ele exerce no desenrolar da trama. Durante a leitura, nota-se que Augusto atua como uma espécie de síntese da imagética religiosa no conto, proporcionando diferentes interpretações pessoais sobre a presença do sagrado em sua vida. Há também a relação do texto bíblico com a sua vida após a sua morte pública e o renascimento espiritual que ocorre em seguida, renascimento este que serve como principal fonte do drama do conto, pois a nova fé de Matraga parece ser a única coisa que não o permite voltar aos seus antigos hábitos.

O catolicismo presente no conto, contudo, não é apresentado como a única fonte de religiosidade e mitologia no texto. Conforme a estória progride, diversos elementos que vêm de religiões pagãs e mitologias antigas e “ultrapassadas” — como mitologia grega, romana e elementos exotéricos de outras culturas, como a europeia — são representados. É possível inferir, então, que a simbologia presente na narrativa não só serve como ponto de paralelismo e metáforas que informam o texto, mas que também oferecem interpretações alternativas aos ocorridos, oferecendo maior profundidade ao leitor atento que visa a interpretar a redenção de Matraga por meio de diferentes leituras.

Antes de continuar o estudo, entretanto, é necessário dizer que, para que se tenha uma compreensão mais coerente dos elementos religiosos que servem como base para a narrativa de “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, é necessário analisar o conto de forma linear. Alguns de seus inúmeros paralelismos e metáforas, então, serão estudados individualmente de modo cronológico, conforme são retratados na trama.

O primeiro ponto a ser analisado é a “festa” ao final do leilão que ocorre atrás da igreja de Murici, leilão este em que os “itens” leiloados são duas prostitutas — Angélica e Sariema. De imediato, a ironia da situação é clara, e o nome de uma das mulheres evidencia isto: a prostituta Angélica, que possui um nome cujo prefixo claramente vem de “anjo”, exerce um trabalho comumente associado ao pecado capital da luxúria, tornando-se uma espécie de afronta à presença do sagrado, representado pela igreja, e também é um trabalho menosprezado pela população católica. Esse leilão acaba resultando na saída da “gente direita”, que supostamente representa o povo moral de Murici, que anteriormente se encontrava ali, restando apenas as pessoas que procuram prazeres carnavais, incluindo o próprio Augusto Matraga, que a este ponto da estória representa uma espécie de figura corruptora na comunidade.

Para Nildo Maximo Benedetti (2008), mesmo que o leitor não esteja atento, Matraga vem descendo da “rua de cima”, onde mora, num ponto alto da cidade, representando a escolha de Matraga de descer para o “inferno” todas as noites — seja este “inferno” causado pela sua própria mão, ou por algo que estivesse acontecendo sem que ele soubesse. No leilão ou festa — metáfora para um evento devasso e hedonista em que uma pessoa desfruta de prazeres carnavais — sua chegada já era antecipada. Graças à sua presença nos fundos da igreja, o acontecimento rapidamente ganha um cunho de violência, no momento em que Matraga decide “comprar” e separar à força a prostituta Sariema de um capiau que já estava apaixonado por ela. Sobre o ocorrido, Ana Valéria Bezerra Costa (2006, afirma: “E mesmo em cenário sagrado, Matraga arremata a Sariema sob os protestos do leiloeiro Tião, sublinhando sua figura de ‘homem sem detença’(...)”. O “homem sem detença” representa uma forma de reforçar e exercer o *status* de Matraga como filho de coronel e membro da elite da época, mas que também indica ao leitor a ideia de que as leis sagradas impostas pela figura divina da igreja — e conseqüentemente, o Deus cristão — ainda não são capazes de influenciar Matraga.

Curiosamente, dentro da narrativa, enquanto tudo isso acontece, Matraga é constantemente aclamado e elogiado pela multidão que estava na festa. Uma possível inferência é que a corrupção e caos trazidos por Augusto nas constantes tentativas de saciar um desejo hedonista, são influenciados por uma comunidade cuja única opção para sobreviver é louvar as más condutas de Matraga. Isso parece ocorrer mesmo

quando ele manda seus guardas agredirem moradores de Murici por motivos chulos, como o capiau apaixonado.

O próximo evento importante é a introdução do fiel companheiro de Matraga, o Quim Recadeiro. No contexto do conto, Quim representa um mensageiro divino, tal qual Hermes, da mitologia grega ou dos anjos do texto bíblico. Ao interpretar a personagem, Benedetti (2008, p. 256) afirma: “É possível relacionar o diligente Quim Recadeiro com Hermes, zeloso e incansável mensageiro dos deuses olímpicos, particularmente de Zeus, que se ocupava da paz, da guerra e das questões amorosas entre os deuses.”

E, a esse ponto, de fato Quim traz notícias sobre o “amor” para seu soberano, Matraga. Neste momento ele fala sobre as dúvidas de Dionóra sobre o paradeiro de Augusto, e sobre o que ele anda fazendo desde que saiu de casa. Entretanto, relacionando agora Quim tanto a Hermes, quanto aos anjos do cânone cristão, Quim terá de atuar como mensageiro de maus agouros para Matraga, como a escapatória de sua esposa com o amante, ou a afronta de Major Consilva que resultará na “morte” Augusto. Outra possível leitura acerca de Quim se encontra em seu nome, que possivelmente é uma abreviação do nome “Joaquim”, uma variação do nome bíblico “Eliaquim”, cuja origem hebraica explica que o nome, interessadamente, significa “preparação de Javé”, ou seja, “preparação de Deus”. Tal nome, no contexto da estória, passa a assumir uma conexão com o fato de que a preparação talvez seja uma tarefa dada para Matraga pelo Deus cristão ou por alguma figura similarmente divina.

A seguir, uma mudança de perspectiva ocorre e apresenta ao leitor a família de Matraga, sua esposa Dionóra, e a filha Mimita. Dionóra representa um caso curioso no conto: em sua unidade familiar tradicional, ela anseia por um modo de escapar do casamento, aceitando o adultério para que ela e sua filha conseguissem fugir de Augusto e de sua ira. A curiosidade vem do fato de que o adultério, biblicamente retratado como um ato de luxúria e fraqueza, espiritual e moral, é a solução retratada como uma atitude moral para o medo que ela sente do marido. Deve-se notar também que é revelado que Dionóra constantemente reza para que Augusto deixe de agir de modo tão cruel, mesmo que suas preces, não tenham ainda sido atendidas. É importante notar que também é durante a mudança de perspectiva para Dionóra que Matraga é referido como “sem detença”, que, no contexto original, remete à animalização da personagem, apontando para uma certa incapacidade de ser regido pelas leis dos

homens ou até mesmo as leis sagradas. Isto mais uma vez separa-o do divino. Nessa interpretação é possível até considerar que existe um retrato mais infernal à personagem de Matraga, pois, é possível entendê-lo como a “Besta” bíblica que assola o Arraial do Córrego de Murici, constantemente espalhando a desordem e decadência na comunidade.

Enfim, chega o momento decisivo do conto: Quim mais uma vez reaparece, desta vez para relatar a “traição” de Dionóra, e também para explicar a tomada de poder de Major Consilva. É então introduzida a ideia de que as riquezas e posses de Matraga estão acabando, momento que denuncia a clara perda de *status* e poder do protagonista, que, enfurecido, decide ir desafiar Consilva sozinho. Tal decisão, porém, demonstra ser um erro fatal e acaba com a brutalização de Augusto, e com a sua “morte” — uma morte espiritual, acima de tudo, que resulta na perda de bens materiais e relacionamentos com sua esposa, família e amigos.

Acerca da brutalização sofrida por Matraga pelas mãos de seus agressores, é importante denotar e estudar a simbologia apresentada pelo texto, que é cuidadosamente escolhida por Rosa para criar uma possível alusão da queda da alma de Augusto para os mais profundos confins do inferno após a “perda” de sua vida. Primeiro, deve-se notar que diversos dos capangas de Consilva foram, anteriormente, seguranças de Matraga, o que pode traçar um paralelo à traição de Judas contra Jesus. Um ponto a favor desta perspectiva é o uso específico da palavra “judiação”, cuja análise etimológica revela a origem com a palavra “judeu” — que por sua vez é definida pelo dicionário etimológico como “escarnecer, tratar como se tratavam antigamente os judeus”. Outro ponto que favorece a interpretação era o tratamento brutal e violento oferecido aos judeus em diversos pontos da história, como na própria Bíblia.

Os capangas de Consilva, no final da agressão, decidem marcar Matraga, um ato que simboliza tanto a nova submissão da antiga elite oligárquica brasileira aos novos métodos burgueses de produção que se tornarão a norma no Brasil do futuro, quanto a eterna danação da alma de Matraga, que estará eternamente gravada pelo fogo do ferro quente que o marcou. Eles arremessam-no de um penhasco, fazendo com que ele tombe até os confins de um “inferno”, em que o fogo continuará queimando sua carne até o fim de sua vida. Um dos capangas, então, termina o ato comandando para que alguém “arme uma cruz” (p. 12), atitude que marca o final da vida prévia e pecadora

de Augusto, pondo fim à corrupção que ele representa para o arraial de Murici, e forçando que ele comece um processo de renascimento espiritual e identitário nas próximas fases de sua vida.

A partir deste ponto da narrativa, a presença do sagrado como uma importante base simbólica, torna-se bem evidente, começando pelo resgate de Matraga por um casal de negros, bons samaritanos. É de suma importância para a leitura da simbologia religiosa ressaltar que Benedetti (2008) interpreta a classificação de Mãe Quitéria e Pai Serapião como “bons samaritanos”, como uma escolha intencional feita por Rosa. Ele justifica sua análise partindo da ideia de que, na Bíblia, um homem despojado — tal qual Augusto, após sua brutalização pelos capangas de Consilva —, é resgatado, assistido e tratado até que ele fique saudável novamente, por um homem bom samaritano. Durante a sua estadia com o casal, também é importante ressaltar o fato de que Augusto come mingau, que é, segundo o livro de Coríntios, em 3, 2:1, da Bíblia, uma comida destinada especificamente a crianças. É possível inferir, então, que Augusto se encontra numa juventude espiritual que ocorre após a sua “morte”, e o renascer espiritual que ocorre por consequência, resulta em Quitéria e Serapião tratando-o como um filho que age como criança. Por fim, deve-se mencionar que há um certo paralelismo entre o casal e a avó de Augusto que cuidava dele quando ele ainda era uma criança. Esse paralelo é estabelecido quando o casal reintroduz a fé católica em Augusto, pedindo para ele rezar e até trazendo um padre para conversar com ele e reafirmar a fé do protagonista. Tais ações são similares àquelas performadas pela avó de Augusto em sua infância, uma vez que ela o ensinou a rezar e foi ela que originalmente introduziu a fé nele.

Os anos se passam, e Matraga após sua conversa e confissão com o padre que o visitou, decide começar uma nova fase de sua vida, uma na qual ele trabalhará rigorosamente como modo de receber um perdão divino. “Eu vou p’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete” (p.16), se torna uma espécie de mantra para o protagonista, que repete essa frase nos momentos em que sua fé fraqueja, de modo que ele mesmo se lembre que foi o pecado que quase o destruiu e levou sua alma para o inferno.

Eventualmente, porém, Matraga tem seu maior momento de deslize, quando encontra Bem-Bem. Na estória, Joãozinho Bem-Bem representa uma figura ambigualmente bandida, já que não se sabe se ele é cangaceiro, mercenário, ou soldado, e é especificamente remetente ao passado “brigão” do protagonista. Augusto é

imediatamente atraído pela presença do homem, talvez por conta de sua vida passada, e, junto de seus novos “pais”, prepara um banquete ao homem e seu grupo, conhecendo cada um de seus indivíduos enquanto eles comem, bebem e conversam.

Benedetti (2008), compara este momento na trajetória de Matraga a um momento crucial na trajetória de Jesus Cristo. Joãozinho, uma representação do cruel passado de Augusto, oferece um lugar em seu bando ao protagonista, vendo que no homem renascido há um passado de alguém que um dia já gostou de brigar. Já Jesus Cristo, enquanto cruzava o deserto da Judeia, acabou por encontrar com o próprio Diabo, em Mateus 4:1-11, que por sua vez ofereceu pão para aliviar a fome que Jesus sentia em seu jejum. Ao analisar as semelhanças entre as ofertas dadas por Bem-Bem e o Diabo, pode-se notar que ambas procuram saciar algum tipo de fome nos protagonistas de suas respectivas narrativas, uma vez que a fome que Augusto sente, ao ver o grupo de bandidos, é uma fome pelo pecado, desejando mais uma vez se tornar um homem que age de modo hedonista e imoral com tudo e todos, enquanto a fome de Cristo se trata de algo muito mais físico. Entretanto, é necessário entender que a resiliência e negação ao que foi oferecido, tanto por Jesus, como por Augusto, vem do fato de que ambos se apoiam em suas características principais — a forte crença que eles possuem na guia divina que lhes foi concebida.

Quando Joãozinho vai embora e leva seu grupo consigo, porém, Matraga entra em uma crise, que é manifestada e refletida no sertão por meio de intensas chuvas que dominam este ponto da estória, momento que mais uma vez humaniza e caracteriza a região como um personagem individual. Esse momento talvez seja um momento de hierofania — uma ideia de que o sagrado se manifesta por meio de elementos no mundo físico — caracterizado pela presença da chuva, que no contexto narrativo de “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, representa um batismo final, enxaguando Augusto e levando seus pecados embora com a água e poeira da terra. Ao final de sua crise, porém, Augusto mais uma vez reafirma sua fé em si mesmo e em sua religiosidade ao repetir o que o padre lhe disse, “Cada um tem a sua hora, e há de chegar a minha vez!” (p.29), assegurando-se na força de sua vontade para continuar trilhando o caminho penitente que ele escolheu.

É neste momento em que as chuvas param e, mais uma vez, o sertão parece refletir o estado emocional de Augusto, que surge a manhã mais linda que a personagem já vira. Em outra expressão de hierofania, o sertão agora parece guiar Matraga, e lhe

oferece um destino, apontando para o norte graças aos pássaros que vêm de lá. Benedetti (2008) analisa que o norte talvez seja um representante da presença do mal e uma mácula na narrativa, pois o grupo de Joãozinho está rumando ao norte, algo que foi referido em sua oferta para Augusto, e também é do norte que os pássaros aparentam estar “fugindo”. Augusto, então, entende isso como uma mensagem de que sua hora e vez lhe aguardam em outro local, e logo se prepara para trilhar seu caminho final, levando consigo apenas um jegue que guiará seu rumo. É interessante notar que, como mencionado anteriormente, Augusto estava num estado de infância espiritual e emocional, dependendo de Quitéria e Serapião para dar continuidade à sua vida e penitência, mas agora quando ele consegue encontrar um novo destino após a sua intensa crise emocional, ele amadurece e ganha a determinação para trilhar o que ele julga ser sua viagem final, demonstrando que seu processo de renascimento agora está completo, e que ele pode decidir quando sua “hora e vez” chegam.

Matraga parte para sua última jornada, cruzando o sertão a caminho do norte e, eventualmente, acaba se deparando com um homem cego. O cego, que tem consigo um bode como guia, menciona ter visto coisas que ninguém vê em uma cantiga. É importante denotar que a figura do cego em diversas passagens da Bíblia se refere a alguém que é *espiritualmente* cego, alguém que não possui fé, sabedoria ou capacidade de enxergar fatos e coisas que são evidentes para aqueles que estão em constante contato com o divino ou alguma sabedoria exotérica de suas realidades. Essa visão acerca da cegueira, como uma incapacidade de compreender e enxergar a verdade por conta de uma desconexão com o divino e sagrado, pode, então, ser conectada com o Matraga antes de sua “morte” em Murici. Em sua vida anterior, o protagonista era incapaz de ver por completo a realidade que vivia, vivendo na desilusão de que o poder e riquezas herdados de seu pai, Coronel Afonso, ainda existiam, o que eventualmente resultou na agressão pelas mãos dos capangas de Major Consilva. O encontro com o cego, neste momento da narrativa, pode sinalizar que agora, graças à sua nova fé, Matraga é mais uma vez capaz de enxergar as verdades de seu mundo, e assim como o homem cego, ele também pode ver coisas que mais ninguém vê, como o fato de que só seu jegue pode lhe guiar até sua hora e a sua vez.

Sobre o encontro, Costa (2006, p. 32) afirma:

Quanto aos animais, observamos que um possui uma conotação mais sagrada, devido às passagens bíblicas (jumento que carregou Cristo) e outro mais violenta na figura

do bode expiatório (sofrimento). Sabemos que o bode possui várias significações desde a época inicial do Cristianismo, havendo nele a insígnia do judaísmo e, por conseguinte, uma conotação de exclusão. O jumento sagrado encontra-se, portanto, com o bode condenado nos seus respectivos caminhos de volta ao começo.

No que concerne à aproximação do sagrado gerada pelo jegue de Augusto, é possível inferir, então, que a mera guia oferecida pelo animal a Matraga possui cunho divino, como se o Deus cristão estivesse oferecendo a Matraga um caminho. Outro ponto a ser estudado é a menção das diversas significações do bode no cristianismo, que serve tanto como aproximação ao judaísmo, como referido por Costa. Porém, há a simbologia pagã presente na imagética do bode, que em diversas religiões politeístas é interpretado como uma figura divina relacionada à fecundidade e também à vida e balança, como em Bafomé, que representa o bem e o mal. Logo, pode-se compreender a guia oferecida pelo bode ao cego como uma espécie de guia espiritual que se baseia na ideia de balança.

Eventualmente, os dois homens seguem seus caminhos, e Matraga acaba finalmente chegando em seu destino final — o arraial de Rala-Coco, onde Bem-Bem também se encontra, querendo vingança pela morte de um de seus companheiros. Augusto então, decide que defenderá o povo do lugarejo contra os bandidos, matando todos do grupo de Bem-Bem, incluindo o próprio Joãozinho em um duelo final, que acaba resultando na morte do grupo de bandidos e do protagonista. Ao contrário do que é tradicionalmente esperado, entretanto, os dois homens compartilham de seus momentos finais, não com ódio ou ressentimentos, mas sim uma profunda compaixão e respeito que não são vistos em nenhum outro momento da trama.

Benedetti (2008) argumenta que o sacrifício final de Matraga, em que ele morre e mata um homem a quem ele dedicava profunda afeição e carinho, só tem sentido caso a fé consiga salvar a alma do homem, assim como o próprio Matraga foi salvo após sua “morte”. O argumento acrescenta que, assim como o protagonista, Bem-Bem compartilha qualidades positivas que foram essenciais na sua mudança e crescimento pessoal e espiritual no decorrer de sua nova vida, como a fé em Deus que o bandido demonstra em seus momentos finais, além de cordialidade e respeito demonstrados ao seu matador, um ato que demanda extrema compaixão e compreensão.

Por fim, o povo de Rala-Coco santifica Matraga como seu salvador, declarando que ele foi enviado por Deus, chamando seu jegue de “jumento”, ato que traça o último

paralelo entre Augusto e Jesus. A tal santificação, porém, é justificada tanto por evitar que o mal destrua o arraial, quanto pelas ações finais de Matraga, que não só demonstra compaixão por Joãozinho Bem-Bem, mas também por passar seus últimos momentos perdoando sua esposa, Dionóra, pelo adultério cometido, e dando uma benção a sua filha. Essa benção, pode ser compreendida como sua primeira e última atitude que comove um verdadeiro santo, ao dar um perdão sagrado para a filha que, como prostituta, aparenta ter caído numa vida de pecados, oferecendo a ela uma futura redenção e escapatória de uma vida pecaminosa.

Benedetti (2008), ao final de seu estudo, identifica e analisa Matraga como uma representação do sincretismo religioso presente no Brasil não só da época, mas também do Brasil *atemporal*, resultante da miscigenação cultural que ocorreu no país. Tal sincretização para Benedetti concede a Matraga uma certa posição como uma figura mitológica brasileira, que vive, luta e morre de modo quase lendário, sendo até mesmo santificado por seu último ato — que, no contexto da narrativa, é tido como uma ação benevolente e prazerosa tanto a Matraga, o herói e protagonista do conto, quanto a Bem-Bem, o malfeitor e antagonista final.

É interessante, então, ler a trajetória de redenção de Matraga, não apenas como um clássico conto de redenção, como também uma mistura dos elementos religiosos provenientes de inúmeras culturas que moldam o Brasil. Uma figura santificada no imaginário do sertanejo que enfrentou desafios espirituais e físicos, e ao fim de tudo, demonstrou-se maior que eles, derrotando suas pulsões ao mal, e também aos vícios que outrora lhe assolaram, por meio de uma fé e sabedoria religiosa que implicam grandemente o processo de construção da personagem Matraga, e também do mundo que ele habita.

Considerações Finais

O Brasil que Rosa vivenciou e retratou em *Sagarana* agora representa uma espécie de curiosidade histórica para as pessoas, uma relíquia tão distante que mal parece afetar a vida atual dos brasileiros, tanto em cidades, como nas partes rurais que compõem maior parte do país. Porém, a formação da cultura brasileira como é reconhecida hoje, tanto nos centros urbanos como nas regiões periféricas afastadas desses centros possui fundações tão antigas quanto os sistemas e ideologias que regem o país.

Isto é demonstrado pela atemporalidade presente no conto final de *Sagarana*, “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, uma narrativa que poderia ter ocorrido a qualquer momento da história brasileira, e que continuaria sendo tão impactante, e com profundas raízes na cultura nacional, como quando fora retratado por Rosa. Esse conto é tão intrinsecamente brasileiro que ele talvez represente um ápice do que pode ser atingido quando se procura retratar a realidade periférica e a constante mudança que foram, são e serão eternamente presentes no Brasil, independente de época e região.

Esta “realidade periférica” que fora construída por diferentes perspectivas sociais na duas metades do conto, demonstra o constante conflito, não apenas entre classes, como também entre o passado e o futuro, representado pelo ex-membro da elite local Augusto Matraga e o mercenário com pretensões de ajudar um futuro membro da elite brasileira, Joãozinho Bem-Bem, como algo que ocorre desde o início da nação. Um conflito eterno, destinado a ser repetido até que os sistemas que regem o Brasil não mais dependam da exploração de subculturas e comunidades periféricas e das pessoas que nelas vivem. Um conflito que, em prol de conceitos como acumulação de capital e melhoria nos centros urbanos, deixa as massas que foram propositalmente ignoradas e postas de lado como possíveis vítimas de homens como o bandido Bem-Bem ou o próprio Matraga no começo da estória.

Há também a presença da religiosidade que constantemente serve como conforto na narrativa, não só para Matraga, mas também ao leitor. Nesse aspecto, o mantra repetido por Matraga de forma constante (“Eu vou p’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete”) e a promessa de que a sua hora e vez, não só de sua morte, mas também de mostrar o que ele aprendeu, como sua moral e fé afetarão suas atitudes em seus

momentos finais, se tornam um conforto, não só à personagem, mas também ao leitor, constantemente lembrando a ambos que o protagonista, de fato, se tornou uma pessoa melhor após seu renascimento espiritual, sendo capaz de enxergar a verdade nas coisas, como o homem cego que perdeu tudo, mas continua trilhando seu próprio caminho.

Em sua junção de elementos, Rosa cria uma personagem atemporal na forma de Augusto Matraga, uma que representará tanto o brasileiro individual — a pessoa — como a ideia que compõe o brasileiro como membro da cultura do país. Como escritor, Rosa criou uma personagem tão fundamentada nos ideais do Brasil que ela deixa de ser apenas a protagonista do conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, e logo é transformada num ícone da literatura nacional que servirá como base para futuras narrativas que se baseiem na cultura como seu principal foco.

REFERÊNCIAS:

BENEDETTI, Nildo. Sagarana: O Brasil de Guimarães Rosa. Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo. [s.n.], 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-04072008-111149/pt-br.php>

COSTA, Ana. O Mito em “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” de João Guimarães Rosa. Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo. [s.n.], 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-21052007-143944/pt-br.php>

GUIMARÃES, Carolina. Guimarães Rosa e o Primeiro Modernismo: *Uma Leitura de Sagarana*. Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo. [s.n.], 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-13102014-165436/pt-br.php>

NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico Resumido. 2ª Edição. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro. [s.n.], 1966.

ROSA, João. *Sagarana*. 71ª Edição. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2001.